

**O PODER DA LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
CONSTRUINDO SABERES E ESTÍMULOS CRIATIVOS**
**THE POWER OF READING IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION:
BUILDING KNOWLEDGE AND CREATIVE STIMULATION**

ISSN: 2674-662X. DOI: 10.29327/2334916.19.2-56

Maria da Penha Izoton ¹

RESUMO

Este estudo aborda a inserção da leitura e escrita na Educação Infantil, particularmente na fase Pré-escolar, com o objetivo de promover uma alfabetização letrada. A pesquisa questiona como as práticas de linguagem oral e escrita podem favorecer o aprendizado de maneira espontânea e prazerosa. O trabalho visa compreender o uso dessas linguagens na primeira infância, enfatizando o planejamento de atividades pedagógicas que estimulem o desenvolvimento linguístico infantil. A pesquisa baseia-se em leituras e análises de textos, livros e documentos, buscando explorar as diferentes contribuições sobre o tema. A literatura infantil é destacada como recurso essencial para o desenvolvimento das crianças, favorecendo a imaginação, criatividade, oralidade e leitura. A prática da leitura permite ao indivíduo construir sua própria visão de mundo, a partir de experiências acumuladas. O professor, ao trabalhar com leitura em sala de aula, deve oferecer uma variedade de gêneros textuais, conhecidos ou não, com textos de boa qualidade que sirvam como referência para a produção de novos conteúdos. O educador que desperta a curiosidade das crianças para a leitura certamente contribui para a formação de bons leitores.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura e escrita. Gêneros textuais. Prática Pedagógica.

ABSTRACT

This study addresses the inclusion of reading and writing in Early Childhood Education, particularly in the Preschool phase, with the aim of promoting literate literacy. The research questions how oral and written language practices can support learning in a spontaneous and enjoyable way. The work aims to understand the use of these languages in early childhood, emphasizing the planning of pedagogical activities that stimulate linguistic development. The research, both qualitative and quantitative, is based on readings and analysis of texts, books, and documents, seeking to explore the various contributions on the subject. Children's literature is highlighted as an essential resource for children's development, fostering imagination, creativity, oral skills, and reading. The practice of reading allows individuals to construct their own worldview, drawing from accumulated experiences. Teachers, when working with reading in the classroom, should provide a variety of text genres, whether familiar or not, with high-quality texts that serve as a reference for creating new content. An educator who sparks children's curiosity for reading certainly contributes to the formation of good readers.

KEYWORDS: Reading and writing. Text genres. Pedagogical practice.

¹ Graduação em Pedagogia pela Faculdade Castelo Branco. Pós-Graduada em: Educação Especial pela Universidade Castelo Branco; Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental pela Universidade Castelo Branco; Educação Especial e Inclusiva pela Universidade Candido Mendes; Gestão Escolar Integradora: Supervisão, Orientação e Inspeção Educacional pela Universidade Castelo Branco. Mestrado em Ciências da Educação para ACU – Absolute Christian University. **E-MAIL:** izotonpenha@gmail.com. **CURRÍCULO LATTES:** lattes.cnpq.br/7131389478318489

INTRODUÇÃO

Leitura e escrita na Educação Infantil é um processo considerável para ser discutido e analisado, haja vista que ler e escrever são uma preocupação de todo o professor que alfabetiza, pois é um desafio constante.

O processo da apropriação da linguagem escrita relacionada à criança, que ainda não saiu da pré-escola, requer vários cuidados e alguns questionamentos, como por exemplo, como iniciar? Quais processos são adequados para inserir a criança neste universo da escrita? Como motivá-la a sentir a necessidade e o desejo de aprender a ler e escrever? Como identificar o desenvolvimento da criança que já está aberta a esse tipo de aprendizagem? Como as práticas da linguagem oral podem auxiliar na aquisição do conhecimento da linguagem, escrita e assim favorecer o aprendizado na Educação Infantil?

Buscar-se-á refletir neste estudo sobre a utilização da linguagem oral e escrita na primeira infância; os processos adequados quanto às práticas pedagógicas; o planejamento de atividades voltadas ao desenvolvimento linguístico infantil; reflexão sobre a ação do docente em salas de aula da Educação Infantil, levando-o a repensar sobre as atividades com o intuito de desenvolver na criança leitura e escrita de forma espontânea, sistemática e objetiva.

A reflexão a respeito da sistematização da leitura e da escrita na Educação Infantil: Alfabetizar letrando deu-se a partir de observações diárias em que as crianças na fase pré-escolar apresentam uma atenção significativa pela literatura e pelos caracteres que estão nos livros de história, buscam compreender o significado de cada informação e de cada desenho.

Aproveitar esse interesse pelo conhecimento é uma excelente iniciativa para o processo de interação da criança com a leitura e escrita, mesmo que ela ainda não domine de maneira convencional o processo, mas

que gradativamente vai sistematizando de forma espontânea e aos poucos assimila os conceitos.

A aprendizagem deve ser iniciada a partir dos interesses da criança, de maneira que leitura e escrita seja realizada com momentos prazerosos sem atropelar o direito dela de aprender ludicamente.

Este trabalho se desenvolve perante o cenário da inserção da leitura e da escrita na Educação Infantil na fase Pré-escolar, de forma a desenvolver uma alfabetização letrada. Mediante o cenário identificado nesta fase da escolarização, indaga-se como as práticas da linguagem oral e escrita podem favorecer os caminhos do aprendizado de forma espontânea e prazerosa. Esta pesquisa objetiva-se a dar significado a utilização da linguagem oral e escrita na primeira infância, intensificando as práticas pedagógicas e o planejamento de atividades voltadas ao desenvolvimento linguístico infantil. Aprimorando a ação docente em salas de aula da Educação Infantil, - Pré-escola, levando o docente a desenvolver no aluno a leitura e a escrita formal ou informal, espontaneamente.

O trabalho apresenta uma metodologia pautada em pesquisa bibliográfica, por meio de leituras, análises e interpretação de textos, livros, documentos, a fim de conhecer as diferentes contribuições de cada um, relacionados ao tema proposto.

A CRIANÇA E A EDUCAÇÃO INFANTIL

A criança em seus primeiros anos de existência passa por várias descobertas e transformações. Aprende a conviver em sociedade, a lidar consigo mesma, com sua família e com as pessoas. A seguir passa a conviver no espaço educacional infantil, a qual prepara a criança no desenvolvimento de uma imagem positiva, a fim de ser independente e adquira a confiança em suas capacidades e perceba suas limitações.

Nessa fase educacional a criança descobre e

passa a conhecer de forma progressiva seu próprio corpo, a importância dos bons hábitos relacionados à saúde, cria vínculos afetivos com os adultos e com os próprios colegas, estabelece a interação social, de maneira que aprende a lidar com a diversidade e desenvolve uma postura de colaboração com o outro.

A criança é capaz de observar e explorar os espaços onde está inserida com curiosidade. É competente na utilização de diferentes linguagens como a corporal, a musical, a plástica, oral e escrita; expressa suas ideias, anseios, sentimentos; desenvolve gradativamente no processo de construção de significados e na capacidade de expressão. Nesse contexto a criança aprende brincando, expressa suas emoções, seus sentimentos, desejos e necessidades.

Frequentar uma instituição de ensino educacional é um direito de toda criança ainda pequena. A constituição Federal de 1988 destaca que a educação é direito de todos (art. – 205) e coloca a educação infantil como dever do Estado. O artigo 208, inciso IV, diz o seguinte:

Art. 208. O dever do Estado com a educação é efetivado mediante a garantia de: IV. Atendimento em creches e pré-escolas às crianças de 0 a 6 anos de idade. Sendo dever do Estado, a educação infantil passa, pela primeira vez no Brasil, a ser um direito da criança e uma opção da família. No art. 227, a constituição Federal coloca a criança e o adolescente como prioridade nacional. Elenca ainda, a Carta Magna, no seu art. 7º, inciso XXV, a educação infantil enquanto direito constitucional dos trabalhadores urbanos e rurais, a assistência gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até os seis anos de idade em creches e pré-escolas.

No Brasil a educação básica era composta pela Educação Infantil, que considerava o período entre 0 a 6 anos de vida escolar. A LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional chamava o equipamento educacional que atende crianças de 0 a 3 anos de creche e crianças de 4 a 6 anos de pré-escola.

Porém, mediante as recentes medidas legais, modificaram o atendimento das crianças pré-escola, pois alunos com seis anos de idade devem obrigatoriamente estar matriculados no primeiro ano do Ensino Fundamental.

Os dispositivos legais que estabeleceram as modificações citadas são os seguintes: O Projeto de Lei nº 144/2005, aprovado pelo Senado em 25 de janeiro de 2006, estabelece a duração mínima de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Essa medida foi implantada desde 2010 pelos Municípios, Estados e Distrito Federal. Todos os sistemas de ensino tiveram prazo para adaptar-se ao novo modelo de pré-escolas, que passaram a atender crianças de 4 e 5 anos de idade.

O Ministério da Educação (MEC) com o objetivo de auxiliar o processo educacional infantil elaborou os referenciais PCN “Parâmetros Curriculares Nacionais”, para que o ensino seja de qualidade. Servem como orientação tanto para as escolas públicas como as particulares. Aponta as capacidades que podem ser desenvolvidas: as cognitivas, ética, estética, a relação interpessoal, o desenvolvimento físico, para a construção da cidadania.

A educação é um dos meios indispensáveis na vida humana, para desenvolver no indivíduo seu processo de formação enquanto cidadão. A escola é o local onde tudo se começa, desde a pré-escola até o indivíduo chegar à graduação e especializações. É na Educação Infantil que a criança aprende as habilidades para um bom desempenho escolar no futuro.

A educação infantil, em complementação à ação da família, visa proporcionar condições adequadas de desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social da criança, e promove a ampliação de suas experiências e conhecimentos, estimulando seu interesse pelo processo de transformação da natureza e pela convivência em sociedade. As ações de educação infantil devem ser complementadas pelas de saúde e assistência, de forma articulada. O currículo da

educação infantil deve levar em conta, na sua concepção e administração o desenvolvimento da criança, a diversidade social e cultural das populações infantis e os conhecimentos que se pretende universalizar.

Os profissionais devem apresentar formação em cursos de nível superior, que contemple os conteúdos específicos relativos a essa etapa da educação. As crianças com necessidades especiais, sempre que possível, devem ser atendidas na rede regular de creches e pré-escolas. (BRASIL, 1994, p.15). Nas Diretrizes Pedagógicas, o referido documento se refere a duas funções complementares e indissociáveis: cuidar e educar. A criança é concebida com um ser humano completo. “Não é apenas um vir a ser” (ibid, p. 16). Entendida um sujeito social e histórico a criança é vista também, por esta política, como um ser em desenvolvimento. Este se dá através das interações entre a criança o seu meio físico e social.

A LEITURA

A Literatura Infantil brasileira teve seu início em meados do século XIX e por volta do ano de 1808. A atividade editorial começa a publicar livros específicos para crianças. Neste período, a literatura infantil era variada dependendo dos conhecimentos da época. Os primeiros modelos de histórias não contavam apenas sobre o conto de fadas, mas sim eram projetos educativos e ideológicos. Havia nos textos infantis a escola como importante aliada para a formação de cidadão. Mas aos poucos essa concepção de escrita foi modificada pelos escritores.

A literatura infantil é um instrumento que permite uma linguagem simples e direta. Proporciona conhecimentos e desenvolvimento na vida de cada ser humano, e este torna uma pessoa privilegiada com cultura intelectual.

ALVÃO E SOUZA (1990), afirmam que à medida que a criança vai se deixando envolver pelo gosto

daquilo que faz, através de sua participação ativa na liberdade de manusear e explorar o material à sua disposição e na possibilidade de expressar suas emoções e sentimentos, o momento de “leitura” deixa de ser um momento de “sutis violências” e desprazer para ser um momento de grande prazer.

A escola insere-se como instrumento hábil a implementar a leitura na educação infantil, quando motiva desde os pequenos até aos jovens leitores através de uma mudança de concepção, ou seja, transformando a leitura como algo agradável, fonte não apenas de informação, porém principalmente de lazer.

A literatura infantil é um recurso importantíssimo para o desenvolvimento das crianças, porque desenvolve principalmente a criatividade, imaginação, leitura e a oralidade, a qual pode ser trabalhada em qualquer época da vida e desperta o hábito da leitura.

Leitura e escrita são processos construídos de significados. Ler é uma das competências mais importantes que devem ser desenvolvidos em todas as pessoas. Não é apenas decodificar símbolos gráficos, reconhecer letras e juntá-las para dar significado à palavra, é muito mais que isso, é interpretar, dar sentido ao que se ler, é ir além das entrelinhas.

A leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, contudo para que isso ocorra é necessário que se domine as habilidades de decodificação e aprenda as diferentes estratégias que levam a compreensão. O leitor deve ser um processador ativo do texto e a leitura um processo constante de emissão e verificação de hipóteses, que levam à construção da compreensão do texto e do controle desta compreensão.

Quando há a prática de leitura o indivíduo se depara com a leitura de mundo, acumula dentro de si experiências e vivências e assim com o tempo vai formando sua própria leitura de mundo.

É preciso refletir e acreditar que sempre haverá possibilidades seguras de se reconstruir um espaço para

a formação adequada da leitura e escrita, a partir da conscientização que se percebe, tanto nos meios acadêmicos, quanto nos gerais, pois os educandos são os primeiros a sinalizar que nem tudo vai bem – eles mesmos têm pleiteado o uso de diferentes oportunidades de leitura e escrita, através de textos que circulam pela sociedade, isto é, a criança quer assumir a palavra e quer aprender desde que tenha oportunidade de produzir algo eficaz, sem o entrave do excesso de regras.

Contudo, como abordar a leitura para crianças que ainda não leem, no sentido convencional da palavra?

Como é possível conjugar o verbo ler na presença de alguém que nem sequer fala? É o que devem pensar não apenas os pais, mas também professores e especialistas. Por que e para que oferecer leitura aos bebês, se há tanto fazer com eles? É o que muitas vezes me perguntam, e com razão. De um lado, as urgentes e esmagadoras tarefas da criança concentram toda a atenção dos pais iniciantes; de outro, a demanda da eficácia nos processos de alfabetização da população tradicionalmente tida como leitora – ou seja, os que “aprendem a ler e escrever” no sentido convencional – deixa à margem do discurso pedagógico esses pequenos, inquietos e iletrados que ultimamente têm rompido na quietude centenária das bibliotecas, fazendo barulho, tocando, mordendo e até mesmo comendo os livros. (REYES, 2010, p.18)

Mesmo que a criança não ler ou fale é imprescindível prepará-la para o mundo da leitura, pois ela é uma estimulação para os bebês. A criança ao nascer apresenta cérebro capaz de fazer várias coisas, o qual está em desenvolvimento, quanto mais estimulado o cérebro, mais rápido será desenvolvido. Os bebês gostam de ouvir histórias, elas proporcionam a comunicação básica da vida. É através da leitura que eles aprendem a ouvir, assimilam a língua materna,

absorvem vocabulários, compreendem os diferentes sons expressivos, as emoções.

“A leitura também estimula o bebê a olhar, apontar, tocar e responder perguntas que a mãe faz, imitar sons, reconhecer imagens, virar páginas e mais tarde, repetir palavras – tudo parte do desenvolvimento social e psicológico dele. Mas talvez a razão mais importante da leitura para o bebê seja a conexão emocional entre o seu colo, a sua voz, seu carinho e os livros. Ler para ele demonstra que a leitura é importante.” (Guia Infantil, n.d.). Disponível:

(<http://br.guiainfantil.com/leitura-infantil/84-ler-para-bebes-estimula-seu-desenvolvimento.html>).

“Quem é acostumado à leitura desde bebezinho se torna muito mais preparado para os estudos, para o trabalho e para a vida. Isso quer dizer que o contato com os livros pode mudar o futuro dos seus filhos. Parece exagero? Nos Estados Unidos, por exemplo, a **Fundação Nacional de Leitura Infantil** (National Children's Reading Foundation) garante que, para a criança de 0 a 5 anos, cada ano ouvindo historinhas e folheando livros equivale a 50 mil dólares a mais na sua futura renda.” (Educar para Crescer, n.d.). Disponível:

(<http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/importancia-leitura-521213.shtml>).

A criança desde pequena deve ser incentivada ao hábito da leitura. É importante que ela aprenda a ser uma ouvinte e participa da narração das histórias, seja na escola, ou com a família, de maneira divertida e lúdica, não como uma obrigação. Os livros, é claro, devem ser atraentes, com temas variados, apresentar uma boa história, ter beleza, o desfecho ser fascinante e significativo para a criança.

Bons exemplos de livros reconhecidos são de Ruth Rocha, Ziraldo, Pedro Bandeira, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Silvia Orthof, os quais apresentam obras brasileiras bem atraentes pelas crianças.

“... vivenciando práticas de leitura em grupo, mediadas pelas professoras, as

crianças ampliam suas experiências de letramento e seus repertórios textuais, desenvolvem estratégias variadas de compreensão textual, inserindo-se no mundo da escrita e iniciando-se como leitoras, mesmo que ainda não saibam ler autonomamente.” (BRANDÃO, 2011, p. 16)

Uma história bem apreciada pelas crianças, as quais ficam impressionadas com a ambição dos personagens é a que se segue:

O homem e a galinha

Era uma vez um homem que tinha uma galinha.

Era uma galinha como as outras.

Um dia a galinha botou um ovo de ouro.

O homem ficou contente. Chamou a mulher:

- Olha o ovo que a galinha botou.

A mulher ficou contente: - Vamos ficar ricos!

E a mulher começou a tratar bem a galinha.

Todos os dias a mulher dava mingau para a galinha.

Dava pão-de-ló, dava até sorvete.

E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.

Vai que o marido disse: - Pra que este luxo com a galinha?

Nunca vi galinha comer pão-de-ló ... Muito menos sorvete!

Então a mulher falou: - É, mas esta é diferente.

Ela bota ovos de ouro!

O marido não quis conversa: - Acaba com isso, mulher.

Galinha come é farelo.

Aí a mulher disse: - E se ela não botar mais ovos de ouro?

- Bota sim! – o marido respondeu.

A mulher todos os dias dava farelo à galinha.

E a galinha botava um ovo de ouro.

Vai que o marido disse: - Farelo está muito caro, mulher, um dinheirão!

A galinha pode comer muito bem milho.

- E se ela não botar mais ovos de ouro?

- Bota sim! – o marido respondeu.

Aí a mulher começou a dar milho pra galinha.

E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.

Vai que o marido disse: - Pra que este luxo de dar milho pra galinha?

Ela que cate o de comer no quintal!

- E se ela não botar mais ovos de ouro? – a mulher perguntou.

- Bota sim! – o marido falou.

E a mulher soltou a galinha no quintal.

Ela catava sozinha a comida dela.

Todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.

Um dia a galinha encontrou o portão aberto.

Foi embora e não voltou mais.

Dizem, eu não sei, que ela agora está numa boa casa onde tratam dela a pão-de-ló.

(Rocha, Ruth Enquanto o mundo pega fogo. 2.ed.Rio de Janeiro. Nova fronteira. 1984.p.14-19. O homem e a galinha)

O texto apresenta uma beleza nas palavras, envolve leitor ouvinte. Toda obra textual apresentado as criança deve ser de qualidade, e o professor deve-se preocupar em apresentar uma diversidade de gêneros textuais, para que a criança tenha contato com a variedade. *“Não podemos subestimar as capacidades das crianças, de observação, fruição, compreensão e tantas outras. Quanto mais oferecermos a elas, mais chances lhe daremos para se tornarem leitores competentes.”* (FONSECA, 2012, p.93).

FONSECA, 2012, p.48-50, apresenta o que fazer antes, durante e depois de uma leitura:

Antes da leitura

- Ler o título e perguntar aos alunos do que acham que o livro tratará. Isso incentiva a antecipação, um comportamento leitor bastante comum;
- Ler a sinopse e fazer comentários ou perguntas para que as crianças antecipem a história;
- Mostrar algumas ilustrações para que as crianças antecipem o enredo;
- Apresentar curiosidades da vida do autor e sua obra – se possível, mostrar foto do autor;
- Apresentar curiosidades da vida do ilustrador e sua obra – se possível mostrar foto do ilustrador;
- Mencionar algumas características do gênero que será lido e estabelecer relação

com outros livros desse gênero que as crianças já conhecem;

- Retomar alguma história conhecida e explicar que vai ler outra do mesmo autor ou gênero;
- Contar um pouco da história para deixá-los curiosos;
- Contar um pouco da história, pois sabe que o enredo é complexo e que isso os auxiliará a acompanhar a leitura;
- Fazer comentários sobre o que a história vai tratar e convidá-los a ouvir uma nova história sobre o assunto;
- Comparar o estilo do autor que conhecerão com outro já conhecido por eles;
- Contar como conheceu a história ou como encontrou o livro – se procurou na biblioteca ou livraria, se um amigo recomendou, se conheceu quando criança etc.

E tantos outros jeitos de iniciar uma roda de leitura.

Durante a leitura

- Se os ouvintes fizerem perguntas, dê atenção, responda de modo objetivo e retome a leitura para não perder “o fio da meada”.
- Às vezes, as crianças ouvem uma parte da história, uma frase, um nome de personagens e querem comentar algo que para os outros aparentemente não se relaciona com a história. procure perguntar: “O que te fez lembrar disso agora?” se perceber que o que a criança tem para contar é algo longo, com muito jeito e delicadeza, peça que guarde na memória por um tempo o que tem para contar e que, ao final da leitura, conte a todos.
- Se perceber que algumas crianças se distraíram um pouco, procure fazer um comentário, criar um suspense para conquistar a atenção delas para que se voltem novamente à leitura. Algo do tipo: “E agora, o que vocês acham que vai acontecer?”
- Não é necessário explicar palavras que você considerar difíceis. Muitas e muitas vezes elas se tornam completamente compreensíveis para as crianças no contexto da história.
- Não mude as palavras do texto com a intenção de simplificá-lo. Por meio da leitura as crianças terão acesso à literatura: a arte da palavra. Além disso, se você mudar as palavras, elas não terão a oportunidade de perceber que o que

está escrito se lê sempre da mesma maneira, que as palavras do texto escrito não mudam – é o que chamamos de permanência da escrita.

- Se notar que a história está difícil ou que as crianças não compreenderam alguma parte, faça uma breve explicação e retome a leitura.
- Vez ou outra, no meio da leitura, é possível deixar uma pergunta no ar, do tipo: “será que se acontecesse isso conosco teríamos a mesma reação?” Ou fazer um comentário: “Vejam só o que a personagem vai fazer agora!” Ou ainda: “Acho esta parte da história tão linda!”

Depois da leitura

- Fazer comentários sobre o que leu;
- Falar sobre o estilo de escrita do autor;
- Rer ler algum trecho preferido, explicando por que o prefere;
- Falar sobre uma personagem que chamou a atenção, compará-la com outras personagens de livros conhecidos por eles ou outros que o professor conhece;
- Relacionar determinada passagem da história com um fato real;
- Apresentar ou indicar outros livros do mesmo autor.

Após a leitura é importante proporcionar um momento de comentários sobre a história, de maneira descontraída, não fazer perguntas a fim de verificar se as crianças realmente estavam prestando atenção. Os alunos também podem falar de outros livros que fazem relação de sentido.

Uma boa proposta também para trabalhar a leitura é proporcionar às crianças que levem para casa uma história, que escolher, e junto com a família poder lê-la e depois compartilhar a leitura na sala de aula. Mesmo a criança que ainda não aprendeu a ler pode contar a história para os colegas, na escola.

Nessa perspectiva, o diálogo deve ser a ferramenta principal entre todos na sala de aula, pois ele é a base de uma educação que se preocupa com a cidadania e democracia. Ele é essencial na escola, pois auxilia no relacionamento entre professor e aluno e

todos os envolvidos da Instituição Escolar. Para FREIRE (1993, p. 118), o diálogo.

[...] tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro. O diálogo, por isso mesmo, não nivela, não reduz um ao outro. Nem é favor que um faz ao outro. Nem é tática manhosa, envolvente, que um usa para confundir o outro. Implica, ao contrário, um respeito aos sujeitos nele engajados.

Quando o professor propõe um espaço aberto em que dá a liberdade para seus alunos expressarem, o que entenderam ou não de uma leitura, ou que expõe seu ponto de vista, está dando a liberdade que os mesmos façam exercer sua cidadania.

“Aprender a ser cidadão é, entre outras coisas, aprender a agir com respeito, solidariedade, responsabilidade, justiça, não violência; aprender a usar o diálogo nas mais diferentes situações e comprometer-se com o que acontece na vida coletiva da comunidade e do país. Esses valores e essas atitudes precisam ser aprendidos e desenvolvidos pelos alunos e, portanto, podem e devem ser ensinados na escola.” (Ministério da Educação - Secretaria de Educação Fundamental. Ética e Cidadania no convívio escolar. Brasília, 2001, p. 13).

O diálogo é um procedimento onde não só as crianças, mas todas as pessoas podem interagir-se com o Outro, para que haja uma construção de uma socialização mais agradável, um mundo melhor, presente de justiça social, sem exclusão. Um mundo que se preocupa com o relacionamento coletivo, de modo que cada indivíduo seja crítico e apresente reflexões conscientes.

É através do diálogo que se constrói um bom entrosamento na escola, na sala de aula, o clima torna-se favorável para a aprendizagem. Há grandes

possibilidades de se obter sucesso nas atividades planejadas, já que conceitos e ideias entre os envolvidos se unem, de forma harmoniosa, e o saber fica bem requintado.

Na sala de aula é importante o papel do professor. É ele quem deve direcionar a situação, provocar em seus alunos a vontade e o desejo de falar, para que haja a participação de todos no processo ensino aprendizagem. Sendo assim, professor não se sentirá o dono do saber, e o aluno, por sua vez, não se sentirão inferior ao conhecimento do professor, pois é o diálogo que permite essa aproximação positiva.

LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

Na educação infantil são várias as atividades que não podem ser esquecidas na prática docente, a própria criança sente a necessidade de dominar a linguagem no seu dia-a-dia. Quando querem expressar algo e não encontra palavra para dizer então ela fica repetindo várias vezes o mesmo fragmento, daí a necessidade de dominar a linguagem. Quando consegue dominá-la passa desenvolver inúmeras capacidades.

Sendo assim, há necessidade de se trabalhar com as crianças a oralidade, leitura e escrita de maneira complementar. O professor pode oportunizar momentos em que a criança tenha contato com diversidade de texto, para que possa perceber a diferença de cada um.

As práticas de leitura e escrita colocam os falantes com maiores chances de constituir cidadania plena. A linguagem facilita os meios, embora não represente garantia para retirar os cidadãos do lugar à margem da sociedade organizada. Assim, através da escola, acredita-se que o indivíduo se torne agente ativo e transformador; para o cidadão comum, prevalece a ideia de que a educação, especialmente a veiculada na escola e calcada na aprendizagem de ler e escrever, é o caminho mais eficaz de se atingir melhor situação de vida. (MOLLICA, 2007, p.12-13)

É importante orientar a criança quanto a um aviso, um pedido, um convite, uma entrevista, de acordo com o contexto em que está vivenciando, para que a possa entender que para cada situação vai utilizar um tipo de linguagem. A roda de conversa ou numa brincadeira pode ser usada uma linguagem mais descontraída, já numa entrevista requer uma linguagem mais elaborada.

Desenvolver atividades em círculo é um momento muito prazeroso para a criança, onde a linguagem oral se desenvolve. Os pequenos envolvem-se na conversa, aprendem a argumentar, expor pontos de vista, elaborar perguntas e respostas e é capaz de relatar experiências.

“É comum, nas salas de Educação Infantil, observarmos atividades de conversa, hora da novidade, contação de história, entre outras situações que buscam estimular o desenvolvimento da linguagem oral. Nesses momentos, as crianças ampliam suas habilidades de uso da linguagem. Aprendem a estruturar textos oralmente, a variar os modos de falar, a interagir de modo cada vez mais autônomo por meio da fala, aprendem a ouvir com atenção e a responder de modo ativo às perguntas que lhe são feitas.” (BRANDÃO, 2011, p.21)

CARDOSO, 2012, p.30 e 31, afirma que,

“Ao refletir sobre o trabalho com a linguagem oral na escola, não há como deixar de comparar a importância que normalmente se dá a ela com a importância que se dá à linguagem escrita”. Isso se torna evidente quando se observam os diferentes ciclos escolares. No início da vida escolar de uma criança, valoriza-se o desenvolvimento da linguagem oral, pois a criança encontra-se “em fase de aquisição”. No entanto, apesar dessa preocupação, muitas vezes o professor não tem clareza de seus objetivos e acaba fazendo isso espontaneamente, como se fosse algo

que acontecesse independentemente de qualquer coisa. Depois a linguagem escrita se torna o foco, e o tempo escolar passa a ser tomado por atividades que têm por objetivo desenvolver esse tipo de linguagem. “Portanto o discurso oral acaba sendo o suporte da escrita, o que se mantém ao longo de toda a vida escolar do aluno.”

A linguagem oral é tão importante quanto à escrita. A oralidade deve ser bem trabalhada para que num futuro o indivíduo tenha condições de saber se expressar de maneira culta, com entonação e intensidade.

“As estratégias de ensino precisam estar pautadas na interlocução e dar importância ao contexto de produção e à situação de comunicação. Para tanto, em todos os níveis de ensino, é necessário direcionar o olhar para o discurso oral como o conteúdo, não apenas como algo que acontece acidentalmente e sem planejamento.” (CARDOSO, 2012, p.32)

Em se tratando da linguagem escrita vem a pergunta “quando e como” pode ser introduzido na vida das crianças. Cardoso afirma que,

“Os estudos mostram que elas levantam hipóteses, questionam e reformulam-nas até conseguirem compreender o sistema alfabético. Ao fazer isso, levam em consideração nomes, letras, e palavras que conhecem, relacionando o saber que possuem com o que acontece à sua volta e conceituando suas hipóteses sobre o nosso sistema alfabético de escrita.” (CARDOSO, 2012, p.33).

A prática da escrita pode partir da leitura, de situações do cotidiano, da escrita do próprio nome; a produção de texto pode ser individual ou de maneira coletiva. A escrita na educação infantil pode ocorrer de modo oral, em que as crianças apresentam as ideias e o professor as escreve.

É muito importante iniciar o processo da escrita a partir do próprio nome, pois é um conhecimento que oportuniza à criança ter noção básica para escrever outras palavras. O nome pode estar registrado nos pertences de cada criança. E todas terão a oportunidade de conhecer outros nomes e apropriarem gradativamente da escrita convencional. O respeito, as características e as possibilidades individuais de cada criança devem ser considerados.

Emília Ferreiro em seu livro *Com todas as letras*, logo no início de sua obra ressalta que não se deve ensinar a ler e escrever na pré-escola, porém deve permitir que a criança aprendesse.

Isso quer dizer que se deve deixar o objeto de conhecimento presente no dia a dia das crianças para que elas possam elaborar os conhecimentos sobre ele. A aprendizagem acontecerá quando o aluno observar a professora ler e escrever. Assim, pode-se explorar a diversidade textual e a diferença entre desenho e escrita, por exemplo. Esse tipo de trabalho traz muitos ganhos para a criança no momento em que ela ingressa no Ensino Fundamental. (CARDOSO, 2012, p.36).

Cardoso apresenta ideias significativas que são necessárias para permear o processo de alfabetização.

- “É preciso dar função à leitura e a escrita para que a criança aprenda suas utilidades.
- É necessário para a escrita que a criança produza ou para o que ela tenta ler, e reconhece o valor e a evolução dessa produção, bem como a riqueza que representa a heterogeneidade das conceituações que surgem no grupo.
- É preciso ler para os alunos, escrever com eles e diante deles, deixar que eles explorem livros e diferentes textos.
- Ao partir do próprio nome e dos colegas, as crianças começam a construir seu repertório de informações sobre o nosso sistema de escrita, por meio de comparações, memória, análise, conflito...

- A alfabetização precisa ser compreendida como processo. Cada criança passa por isso de maneira diferente e no seu próprio tempo. Na maioria das vezes, isso se inicia antes da escola e termina por completo depois do Ensino Fundamental.
- Não é necessário corrigir o tempo todo os erros cometidos no início do processo. Isso pode inibir, além de não gerar reflexão. Os erros, inclusive, precisam ser compreendidos e interpretados pelo professor para que possam desafiar o aluno e ajuda-lo a avançar. (“CARDOSO, 2012, p.37-38).”

No século XX, até o ano de 1960, no Brasil, pregava-se a maturidade da criança para ser alfabetizada, isto é, ela deveria estar preparada ou amadurecida para iniciar o processo de leitura e escrita, a mesma deveria ter uma idade por volta dos seis ou sete anos. Mesmo que tivesse interesse pela leitura e escrita não poderia desenvolver tal habilidade, pois poderia ser prejudicial ao seu desenvolvimento.

As atividades desenvolvidas na escola estavam voltadas aos órgãos do sentido; as noções espaciais, temporal e corporal; o grafismo, de maneira que as preparassem para entrar no processo da alfabetização.

“Com base nesses princípios, pode-se concluir que o trabalho na Educação Infantil deveria evitar qualquer contato direto com a leitura e escrita e se concentrar no estímulo aos chamados “pré-requisitos” para aprender a ler e escrever, tais como o desenvolvimento de habilidades da coordenação viso-motora, memória visual e auditiva, orientação espacial, articulação adequada de palavras, certo grau de atenção e concentração, boa alimentação, entre outros.” (BRANDÃO, 2011, p. 15)

A orientação sobre a maneira como a criança deveria ser alfabetizada foram impactadas, por volta dos anos 1970 e 1980, várias escolas, educadores estudiosos começaram a repensar essa prática. Contudo vale destacar que o psicólogo Vygotsky desde 1920 a

1930 já defendia o processo da alfabetização. Acreditava que a criança antes mesmo de seus seis anos era capaz de descobrir a função simbólica da escrita, podendo ler com seus quatro anos de idade.

Se não há sustentação teórica ou empírica para a ideia de pré-requisitos para a alfabetização, por que esperar até os seis ou sete anos para alfabetizar as crianças? Os que adotam esse modo de pensar defendem, portanto, que as crianças concluem a Educação Infantil já dominando certas associações grafo fônicas, copiando letras, palavras e pequenos textos, bem como lendo e escrevendo algumas palavras e frases. (BRANDÃO, 2011, p. 16)

BRANDÃO 2011, p 23, traz uma reflexão muito significativa a respeito das estratégias com a escrita na Educação Infantil. Apresenta atividades em dois eixos de trabalho:

- “Apropriação do sistema alfabético de escrita – atividades que promovam a compreensão do funcionamento do sistema de escrita alfabético e o desenvolvimento da consciência fonológica;
- Letramento – atividades que promovam aprendizagem sobre diferentes gêneros discursivos orais e escritos que circulam socialmente e suas características (finalidade, conteúdos, estilos e composição próprios, suportes, destinatários e esferas de circulação).”
-

A autora defende ainda que,

“[...] desde muito cedo é possível envolver as crianças em situações em que elas que elas comecem a aprender alguns princípios do sistema de escrita alfabética, dando início ao seu processo de alfabetização, inserindo-as em paralelo, nas práticas sociais em que a escrita está presente. Assim na Educação Infantil não basta estimular a criança a refletir sobre o funcionamento do sistema de escrita, nem apenas inseri-las em práticas sociais

de leitura e escrita ou nos limitarmos a responder a sua curiosidade natural sobre esse tema. Defendemos, ao contrário, que é papel da professora, ao longo desta etapa, planejar atividades que contribuam para a alfabetização na perspectiva do letramento.”

A escrita passa por quatro níveis de evolução, de acordo com as pesquisas de Emília Ferreiro. Toda criança ao pegar um lápis ou uma caneta é capaz de produzir risco e/ou rabiscos. Eles podem ser separados, linhas retas e curvas e ondulados. Utiliza as letras convencionais ou outros símbolos para escrever aquilo que deseja. Quando quer escrever a palavra relaciona ao tamanho das coisas, isto é aquelas que são grandes devem ter várias letras e coisas pequenas devem receber poucas letras, por exemplo, a palavra jabuticaba é identificada com poucas letras por ser uma coisa pequena, já a palavra avião, com várias letras, por ser grande. Esse é o nível 1 – a fase Pré-silábica.

Dentro desse nível existe uma subfase, que é mais evoluída, onde a criança já descobriu que para cada coisa existe um nome a qual pode ser representada através da escrita. Por exemplo, para escrever MAÇÃ, a representa como BACE, para escrever LIMÃO escreve – CEAB e JABUTICABA representará – ABE. Ela faz uso de várias letras (grafismo) para escrever as palavras, às vezes muda apenas a sequência e disposição das letras. Esse tipo de comportamento é natural porque as crianças nascem cercadas de letras e palavras.

“As crianças nascem em um mundo em que existe uma extraordinária profusão de letras, presentes em vários materiais que fazem parte de diferentes contextos socioculturais: jornais, revistas, livros de literatura infantil, receitas, listas de compras, rótulos de embalagens entre muitos outros”. (BRANDÃO, 2011, p. 93)

DIVERSIDADE DE GÊNERO TEXTUAL

Segundo (BRANDÃO, 2011, p. 122), “... a criança estabelece uma relação de curiosidade com os textos escritos muito cedo”, por isso a importância de se trabalhar em sala de aula a leitura. A seleção dos livros é muito importante para o repertório da criança, que contribuem com o jogo simbólico ou faz de conta, como por exemplo, apresentar histórias que falem do mar,

“[...] com submarinos, navios, piratas, animais e monstros marinhos; de diferentes culturas indígenas e as florestas com sua fauna e flora, além das personagens como saci, curupira, caipora, mula sem cabeça; de castelos – com cavaleiros, arqueiros, príncipes e princesas, reis e rainhas; de dinossauros e seu *habitat*; de fadas, bruxas, duendes, gnomos, magos; de desertos, tendas, *sheiks* e camelos; de polos, esquimós, iglus, peixes, focas, baleias; de deuses e semideuses com seus dons; enfim, inúmeros cenários, enredos e personagens reais ou não, abordando culturas, meios de vida, costumes e situações que, com certeza, alimentarão o repertório das brincadeiras infantis.” (FONSECA, 2012, p.97).

O autor apresenta vários assuntos que podem ser abordados nas histórias, já que a criança gosta de ouvir, porque mexe com sua imaginação e fantasia. Essa ficção é fundamental para a formação da criança no que tange aos valores. Experimentar esse contexto é fantástico para os pequenos

O professor ao trabalhar com leitura em sua sala de aula deverá oportunizar aos alunos uma diversidade de gêneros textuais, sejam conhecidos ou não. O repertório de textos deve ser de boa qualidade que se constitua numa matéria de consulta para a escrita de outros textos. Deste modo, o educador que possibilitar o contato com textos interessantes, os quais desperte na criança a curiosidade de ler, com certeza proporcionará a formação de bons leitores.

O nível 2 é a Hipótese Silábica, a criança trabalha com hipótese de que toda a escrita tem seu som, é capaz de identificar que cada letra pode ser representada por uma sílaba, por exemplo, as palavras podem ser assim representadas:

COCA= O A

BOLA = O A

MACACO = A A O.

Quando a criança é questionada a respeito das semelhanças entre as palavras coca e bola poderá entrar em conflito e resolver a situação acrescentando mais letras nas palavras. Esses conflitos são importantes para a criança, pois são eles que proporcionarão avanços. Aos poucos vai reformular suas hipóteses e compreender o sistema da linguagem escrita.

O nível 3, Hipótese silábico-alfabético a criança já é capaz de analisar que a escrita vai além das sílabas, isto é, as palavras não são construídas com uma letra para representar uma sílaba. Assim, acrescenta letras que não tinha percebido na fase, mas mesmo assim deixa de representar todas as sílabas completas.

Exemplo:

C A A L O= CAVALO

B O E C A= BONECA

G A O = GATO

R O A = RODA

A maneira como a criança representa as palavras não pode ser considerada errada, como omissão de letras, pois é uma fase que está em progressão, aos poucos a criança vai acrescentando letras à sua escrita.

O nível 4, a Escrita Alfabética é a fase que finaliza o processo da escrita. A criança venceu as dificuldades de representação da língua escrita, compreende que cada um dos caracteres da escrita corresponde aos valores sonoros menores que a sílaba. Terá outras dificuldades para superar que aos poucos vai se solucionando, que é a ortografia.

Segundo PRESTES (2001, p. 115 apud 1995), mas não basta o professor apenas fornecer textos para leitura: ele precisa instruir seus alunos, levá-los a perceber como os escritores organizaram os textos que eles estão lendo [...] para produzirem melhor seus próprios textos.

A tipologia clássica considera a estrutura de textos basicamente em três tipos: narrativos, descritivos e dissertativos. Contudo podem-se encontrar ainda textos como informativos, persuasivos e lúdicos.

Compreende-se que os textos narrativos expõem fatos concretos, num espaço real com tempo definido. Haja vista que os fatos narrados há relação de antes e depois, são progressivos, sofrem alterações de estado. Pode a história contada ser real ou imaginária. Fábulas, crônicas, conto, romances são exemplos de textos narrativos.

Segundo PRESTES (2001, p.116), quem conta o fato, o narrador, pode fazê-lo de duas maneiras: em primeira pessoa, quando é um dos personagens da narrativa, e em terceira pessoa, quando não é personagem, não se incluindo na narrativa.

Para FERRAZ (2006), o texto narrativo responde a uma série de perguntas:

“Quem participa nos acontecimentos? (personagens); O que acontece? (enredo); Onde e como acontece? (ambiente e situação dos fatos). Fazemos um texto narrativo com base em alguns elementos: O quê? – Fato narrado; Quem? – personagem principal e o anti-herói; Como? – o modo que os fatos aconteceram; Quando? – o tempo dos acontecimentos; Onde? – local onde se desenrolou o acontecimento; Por quê? – a razão, motivo do fato; Por isso: - a consequência dos fatos.”

No texto descritivo é exposto relato de vários aspectos concretos podendo ser de um lugar, de uma pessoa, de um objeto, ou outros. O tempo que aparece é estático. Os episódios acontecem simultaneamente, já

que não há progressão temporal. Conforme FLORES e Colaboradoras (1992, p. 58), é aquele em que se apontam “características e/ou elementos constituintes, singularidades do ser-referente (pessoa, animais, plantas, objetos, ambientes paisagens, processos, etc.)”. Isso é notório nos exemplos a seguir:

Retrato

*Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.
Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração que nem se mostra.
Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida
a minha face?*

(Cecília Meireles)

Autorretrato

*Eu sou um menino maior que muitos e
menor que outros. Na cabeça tenho
cabelo que mamãe manda cortar muito
mais do que eu gosto e, na boca, muitos
dentes, que doem. Estou sempre maior
que a roupa, por mais que a roupa do mês
passado fosse muito grande. Só gosto de
comer o que a mãe não me quer dar e ela
só gosta de me dar o que eu detesto. Em
matéria de brincadeiras as que eu gosto
mais são as perversas, mas essa minha
irmãzinha grita muito.*

(Millôr Fernandes)

O texto dissertativo interpreta, explica, faz uma análise, através de considerações abstratas, as informações concretas da realidade. Os enunciados aparecem com relação lógica e as afirmações sólidas aparecem como recurso de sustentação das opiniões abstratas. Na dissertação o indivíduo apresenta ideias, desenvolve o raciocínio, analisa contexto, discute, argumenta e defende suas conclusões. O texto dissertativo não está preocupado em persuadir o leitor, porém transmitir conhecimentos, já que é um texto informativo.

O texto informativo como o próprio nome já diz, sua função é informar, isto é passar informações, como por exemplo, o jornal, as revistas, e outras fontes. Apresenta uma linguagem culta e direta, jamais contem opiniões como a dissertação, o qual defende suas ideias.

O texto informativo subcategoriza-se em:

- a) **técnico-científico**, que informa o receptor sobre o conhecimento produzido pela ciência dos meios acadêmicos – ou ciência formal – e pela ciência dos meios acadêmicos – ou ciência formal – e pela ciência popular (artigo de revistas especializada, resultados de pesquisa, lista de simpatias, etc.);
- b) **instrucional-pedagógico**, que dá informações ao receptor sobre como proceder ou realizar operações com a finalidade de obter determinados efeitos, estabelecendo ligações precisas entre o conhecimento técnico-científico e sua utilização em situações delimitadas (manual bula de remédio, modo de preparo constante em embalagens, rótulos, etc.);
- c) **massivo**, que dá informações ao público em geral sobre os fatos ocorridos na sociedade (notícia, reportagem, entrevista);
- d) **interpessoal**, que põe à disposição de determinadas pessoas ou grupos informações específicas, de interesse exclusivo dessas pessoas e desses grupos (carta, boletim informativo, convite, etc.). (PRESTES, 2001, p.125).

O Texto persuasivo apresenta a intenção de seduzir, convencer o interlocutor a concordar com a ideia ou ponto de vista. Pode ser um texto persuasivo uma carta de um filho ao pai tentando convencê-lo sobre o presente que quer receber, uma resenha de jornal exaltando determinado filme ou livro e outros.

A respeito do texto Lúdico,

“... a intenção do enunciador em persuadir ou informar se reduz, sendo os efeitos de sentido imprevisíveis, pois não há preocupação em ter o receptor sob controle. Desse modo, incluem-se nessa

categoria os jogos de linguagem, as charadas, o humorismo, desde que a intenção se resuma à simples manipulação das palavras.” (PRESTES, 2001, p.126).

Os gêneros textuais referem-se a todas as formas de textos, sejam eles escritos ou orais. São tipos específicos de textos de qualquer natureza, literários ou não. Podem ser considerados exemplos de gêneros textuais: anúncios, convites, atas, avisos, programas de auditórios, bulas, cartas, comédias, contos de fadas, convênios, crônicas, editoriais, ementas, ensaios, entrevistas, circulares, contratos, decretos, discursos políticos, histórias, instruções de uso, letras de música, leis, mensagens, notícias, poesias, fábulas, quadrinhas, propagandas, versos, diálogos, receitas culinárias, histórias em quadrinhos, crônicas, piadas, romances, poemas.

Os textos que serão apresentados a seguir sugerem uma possibilidade de colaborar com os professores a orientar seus alunos no que concerne a percepção com mais clareza da diversidade de gêneros textuais, acompanhados de exemplos de textos.

A FÁBULA

A fábula é uma narração que se divide em duas partes: a narração propriamente dita, que é um texto figurativo, em que os personagens são animais, homens etc., cujo desfecho cogita uma lição moral. É um texto temático, que reitera o significado da narração, indicando a leitura que dela se deve fazer.

Na verdade, a fábula é sempre uma história do homem, mesmo quando os personagens são animais, uma vez que estes falam, sentem paixões humanas, o que indica que são personificações dos seres humanos. O plano de leitura é sempre relativo à vida dos seres humanos:

A Raposa e a Cegonha

Comadre raposa tinha lá seus momentos de delicadeza. Num destes momentos, convidou a cegonha para jantar.

Para a refeição preparou um caldo muito ralo, servido em prato raso.

A cegonha não pôde nem provar do caldo por causa do bico comprido. A raposa bem depressa, lambeu todo o prato.

Quando foi embora, a cegonha agradeceu a raposa dizendo que fazia questão de retribuir o jantar. A raposa aceitou com grande alegria.

Na hora marcada a convidada chegou na casa da cegonha. Estava morta de fome.

O jantar veio para a mesa numa jarra alta, de gargalo estreito, onde a cegonha podia beber sem o menor problema.

A raposa só pôde beber as gotinhas que escorriam pelo lado de fora da jarra.

Com o rabo entre as pernas, a raposa saiu correndo.

Quem hoje planta, amanhã vai colher!
(BARRETO, Poetizando, Confabulando, historiando. 3 edições em um único livro. Fábulas Clássicas, 1994, p. 16.)

Nota-se na presente fábula que a raposa a princípio queria agradar e depois frustrar a cegonha. E possivelmente a cegonha imaginou que seria bem recebida na casa da raposa, motivo pelo qual a levou a aceitar o convite. Como foi mal recebida na casa da raposa também propôs um jantar em sua casa e agiu como o ser humano vingando-se da raposa. A lição de moral é bem clara: “quem hoje planta, amanhã vai colher!”.

OS CONTOS CLÁSSICOS

Os contos clássicos são histórias que fascinam as crianças, elas não cansam de ouvir repetidas vezes a mesma história iniciadas com “Era uma vez...” e terminadas com “e viveram felizes para sempre”. São histórias que realmente prende a atenção da criança e desperta a curiosidade, levando-a compreender suas emoções.

O gato de botas

ERA UMA VEZ um velho moleiro que tinha três filhos. Antes de morrer, reuniu os

seus filhos e diante deles dividiu os seus bens pelos três.

Ao filho mais velho, o moleiro deu-lhe o moinho. Ao filho do meio deixou-lhe o burro. E ao mais novo entregou-lhe um gato.

O filho mais novo, com o gato no seu colo, comentou desiludido:

- Que vou eu fazer com um simples gato?

Qual não foi a sua surpresa quando ouviu o gato responder-lhe:

- Se me deres umas botas pretas, um fato e um saco, farei de ti um homem rico!

Assim fez o rapaz e o gato, todo aperaltado, partiu deixando o seu novo dono muito baralhado.

O gato das botas dirigiu-se ao bosque e caçou duas perdizes, que meteu dentro do saco. Dirigiu-se depois ao castelo do rei e ofereceu-as ao rei, em nome do seu amo, o marquês de Carabás.

Dia após dia, o gato continuou a oferecer presentes ao rei, em nome do marquês, o que fez com que o rei ficasse curioso em saber quem era o marquês de Carabás.

Numa bela tarde, enquanto o rapaz e o seu gato descansavam à beira rio, a carruagem do rei aproxima-se. O gato, rapidamente acorda o seu amo e diz-lhe para se despir e atirar-se ao rio. O rapaz, meio confuso, faz o que o gato lhe diz. Então o gato das botas corre em direção à carruagem, com ar aflito, e grita:

- Socorro majestade! Roubaram as roupas ao meu amo, o marquês de Carabás!

O rei, reconhecendo o nome do marquês, para prontamente e empresta ao jovem nobres roupas, oferecendo-lhe boleia até à sua casa. O jovem entra na carruagem, meio embaraçado e aflito, pois não sabia o que dizer, sentando-se entre o rei e a sua bela filha, que o acompanhava.

O gato prontamente indica o caminho ao cocheiro do rei e, depois de a carruagem arrancar, corre desenfreado até às terras junto ao castelo do ogre.

Quando lá chegou, viu os camponeses, a quem disse:

- Se querem livrar-se do Ogre malvado, quando o rei passar digam que todas estas terras pertencem ao marquês de Carabás.

E continuou a correr, em direção ao castelo. Quando chegou, encontrou o ogre, que era o dono de todas aquelas terras, sentado a descansar. O ogre ao vê-lo, perguntou:

- Quem és tu? E que fazes no meu castelo?

Ao que o gato respondeu:

- Eu sou o gato das botas, um humilde servo vosso... ouvi dizer que possuíis poderes mágicos. É verdade? Será que vós conseguiríeis transformar-vos num leão?

Ao ouvir isto, o ogre transforma-se imediatamente num enorme leão!

O gato, cheio de medo, responde:

- Que maravilha... mas será que conseguiríeis transformar-vos num minúsculo ratinho?

E o ogre, orgulhoso e imprudente, transforma-se logo num pequeno ratinho. O gato das botas, sem perder tempo, salta em direção ao ratinho e come-o.

Nessa altura, chega o coche do rei às portas do castelo, e o gato das botas dirige-se a eles para os receber:

- Bem-vindo ao castelo do meu amo, o marquês de Carabás!

O rei, impressionado com a simplicidade do jovem rapaz, que se encontrava ao pé da porta admirado, convida o agora marquês de Carabás a casar com a sua linda filha. O rapaz aceita e vive feliz para sempre acompanhado da sua bonita princesa e do seu fiel gato. (http://bebeatual.com/historias-gato-das-botas_66)

Nota-se no texto acima as características do conto uma narrativa breve, apresenta poucas personagens, a linguagem é objetiva, plástica, direta e concreta. O diálogo é o principal componente da linguagem dos contos. Os conflitos e os dramas residem na fala das personagens, nas palavras proferidas. Isto aproxima o leitor dos fatos. Toda a força do conto reside no jogo narrativo para prender o interesse do leitor até o desenlace.

A CRÔNICA

A crônica é o relato dos acontecimentos do dia-a-dia, escrita sempre numa linguagem leve, breve e de caráter jornalístico, muitas vezes de maneira lírica ou bem-humorada. É escrito de forma bem livre, sem regras de estilo jornalístico e de escolha do autor.

Recado ao senhor 903

Vizinho - Quem fala aqui é o homem do 1003. Recebi outro dia, consternado, a visita do zelador, que me mostrou a carta em que o senhor reclamava contra o barulho em meu apartamento. Recebi depois a sua própria visita pessoal – devia ser meia-noite – e a sua veemente reclamação verbal. Devo dizer que estou desolado com tudo isso, e lhe dou inteira razão. O regulamento do prédio é explícito e, se não o fosse, o senhor ainda teria ao seu lado a Lei e a Polícia (...). Todos esses números são comportados e silenciosos: apenas eu e o Oceano Atlântico fazemos algum ruído e funcionamos fora dos horários civis: nós dois apenas nos agitamos e bramimos ao sabor da maré, dos ventos e da lua. Prometo sinceramente adotar, depois das 22 horas, de hoje em diante, um comportamento de manso lago azul. Prometo. Quem vier à minha casa (perdão: ao meu número) será convidado a se retirar às 21:45 e explicarei: o 903 precisa repousar das 22 às [...] Peço-lhe desculpas – e prometo silêncio.

... Mas que me seja permitido sonhar com outra vida e outro mundo em que um homem batesse à porta de outro e dissesse: “Vizinho, são três horas da manhã e ouvi música em tua casa. Aqui estou”. E o outro respondesse: “Entra, vizinho, e come do meu pão e bebe do meu vinho. Aqui estamos todos a bailar e cantar, pois descobrimos que a vida é curta e a lua é bela”. E o homem trouxesse sua mulher, e os dois ficassem entre os amigos e amigas do vizinho entoando canções para agradecer a Deus o brilho das estrelas e o murmúrio da brisa nas árvores, e o dom da vida, e a amizade entre os humanos, e o amor e a paz. (BRAGA, R. in: Carlos Drummond et alii. Para gostar de ler: crônicas. São Paulo. Ática. 1975.v.1,p.74-5, (com adaptações).

A crônica “Recado ao senhor 903” é um a narrativa do cotidiano de dois senhores – senhor dos 903 e senhor do 1003 – que são vizinhos e se limitam a chamar-se pelo número de seus apartamentos. Relata de forma bem humorada situações reais entre vizinhos de um mesmo prédio. Percebe-se uma crítica à desumanização na cidade grande, onde as pessoas

muitas vezes são números, não têm nomes, pode ser também a moça, o menino, a velha, a mulher.

POESIA

A poesia é o fenômeno criador que transforma em linguagem as emoções, os impulsos ou reações do poeta em face de determinada realidade. É o estado emotivo ou lírico do poeta, no momento da criação do poema.

O chão e o pão

O chão.

O grão.

O grão no chão.

O pão.

O pão e a mão.

A mão no pão

O pão na mão

O pão no chão?

Não.

(MEIRELES, Cecília. Poetizando, Confabulando, historiando. 3 edições em um único livro. Poetizando, 1994, p. 33.).

Percebe-se na poesia apresentada acima um texto de fácil interpretação, com poucas palavras e pequenas, quase todas terminadas em **ÃO**, e quase todas as linhas iniciadas em **O**. A distribuição das palavras no papel é muito interessante, vale ressaltar aqui, que o aspecto gráfico é importante na comunicação.

Usando apenas os nomes: chão, grão, pão e mão, a autora, Cecília Meireles dá força às ações humanas, que caracterizam o trabalho necessário para que o grão se transforme em pão.

Sendo assim, nota-se que o grão é semeado no chão. O fruto do grão que foi plantado se torna farinha, massa para se fazer o pão. O pão fruto das várias ações é agora um alimento da vida, que alimenta o ser humano e não pode ser desperdiçado ou desconsiderado.

A PARLENDAS

As parlendas são muito conhecidas pelas pessoas, as quais vão passando de geração. São versinhos cantados ou falados. Apresentam rimas e muito utilizadas nas brincadeiras das crianças. Exemplos de parlendas:

1 - Um, dois, feijão com arroz.

Três, quatro, feijão no prato.

Cinco, seis, chegou minha vez

Sete, oito, comer biscoito

Nove, dez, comer pastéis.

2 - Serra, serra, serrador!

Serra o papo do vovô!

Quantas tábuas já serrou?

3 - Um elefante amola muita gente...

Dois elefantes... amola, amola muita gente...

Três elefantes... amola, amola, amola muita gente...

Quatro elefantes amola, amola, amola, amola muito mais...

4- Chuva choveu

Goteira pingou

Pergunte ao papudo

Se o papo molhou

5 - Fui à feira

Encontrei uma coruja

Pisei no rabo dela

Ela me chamou de cara suja.

6 - Era uma bruxa

À meia-noite

Em um castelo mal-assombrado

Com uma faca na mão

Passando manteiga no pão

7 - Chuva e Sol,

Casamento de espanhol

Sol e chuva

Casamento de viúva

8 - Rei, capitão,

soldado, ladrão.

moça bonita

Do meu coração.

As parlendas apresentam uma linguagem simples que são ótimas para o processo de leitura e escrita.

A MÚSICA

A música faz parte da vida da criança mesmo antes de nascer. Todas as pessoas gostam de música, cada uma com seu estilo. O processo ensino aprendizagem utilizando da letra musical é excelente na alfabetização. É interessante que o professor faça uma investigação com suas crianças a respeito dos cantores preferidos; quando e onde escuta música; que tipo de música mais gosta; quais que não gosta; se gosta de cantar, seja sozinho (a) ou em grupo; se gosta de acompanhar cantando as músicas que escuta? A partir daí desenvolver com as crianças um repertório de música. Trabalhar os sons, a letra, a construção das ideias apresentadas.

TRAVA LÍNGUA

As travas-línguas são versos ou frases que devem ser pronunciadas rapidamente com clareza. Normalmente apresenta sílabas de difícil de pronúncia, as quais devem ser ditas sem tropeços. É como se fosse um jogo verbal. Faz parte da cultura popular. As crianças se divertem com esse tipo de leitura. Exemplos de travas-língua:

- 1 - O sabiá não sabia.
Que o sábio sabia.
Que o sabiá não sabia assobiar.
- 2 - Trazei três pratos de trigo para três tigres tristes comerem.
- 3 - Olha o sapo dentro do saco
O saco com o sapo dentro,
O sapo batendo papo
E o papo soltando o vento.
- 4 - O doce perguntou pro doce
Qual é o doce mais doce
Que o doce de batata-doce.
O doce respondeu pro doce
Que o doce mais doce que
O doce de batata-doce
É o doce de doce de batata-doce.

A CONSTRUÇÃO DE TEXTO

A construção de um texto é semelhante à construção de uma casa, cuja edificação necessita de um pedreiro, dinheiro, ferramentas, materiais necessários para a estruturação. O texto por sua vez necessita de um escritor, que também trabalhará arduamente e precisará de muita energia e compromisso, além de pensar no leitor, pois é ele quem processa os conhecimentos informados. Se não houver leitor de nada adianta ter o escritor. O escritor terá que apresentar alguns subsídios importantes para a construção de seu texto.

"Entende-se por texto todo componente verbalmente enunciado de um ato de comunicação pertinente a um jogo de atuação comunicativa, caracterizado por uma orientação temática e cumprindo uma função comunicativa identificável." (SCHMIDT, 1978).

Para se compreender melhor o fenômeno da produção de textos escritos, importa entender previamente o que caracteriza o texto, escrito ou oral, unidade linguística comunicativa básica, já que o que as pessoas têm para dizer uma às outras não são palavras nem frases isoladas, são textos. (VAL 1991).

A textualidade é caracterizada pelo conjunto de elementos que faz com que um texto seja um texto e não um aglomerado de palavras ou uma continuação de frases. Todo texto precisa ter coerência e coesão. Segundo VAL (1991), a coerência resulta da configuração que assumem os conceitos e relações subjacentes à superfície textual. (...) é responsável pelo sentido do texto.

A coerência é responsável pela unidade ou relação entre os elementos do texto. Está ligada à compreensão, ao sentido da comunicação, seja qual for, pode ser uma frase, uma obra literária, uma conversa, um discurso, um livro, uma música, é necessário que haja a coerência.

Para que um texto seja coerente alguns aspectos são importantes a serem observados: o conhecimento de mundo, que é adquirido com a vivência do indivíduo no mundo que o cerca, que são as experiências obtidas, a qual é arquivada na memória de cada pessoa; o domínio das regras que orientam a língua; a intenção do interlocutor na comunicação, bem como suas crenças e a função comunicativa.

Os diversos segmentos textuais devem estar travados logicamente para a formação de uma cadeia, sendo assim, os segmentos estarão concatenados de maneira harmoniosa, caso contrário o texto perde a coerência textual.

Quando um texto é considerado incoerente certamente quem o produziu não soube adequá-lo ao receptor, a comunicação não foi valorizada, uma vez que o código linguístico não foi obedecido, já que a coerência está ligada diretamente à possibilidade de estabelecimento do sentido do texto. Contudo vale ressaltar, que um mesmo texto pode ser considerado por alguém incoerente enquanto para outro coerente, isso depende da situação comunicativa.

Desse modo, produzir um texto escrito não é tarefa fácil e torna-se um desafio maior quando se trata de crianças que estão iniciando sua aproximação com o universo da escrita. No entanto, é através de ações pedagógicas que enfatizam a interação com essa atividade de maneira significativa que a escola pode ajudá-las a ampliar seus conhecimentos sobre os textos e a ter mais condições de dar seus primeiros passos como produtores de textos. (BRANDÃO, 2011, p.125)

Mediante PRESTES (2001 apud Koch e Tavaglia 1990), “fica evidente que a construção da coerência decorre de uma multiplicidade de fatores das mais diversas ordens: linguísticos, discursivos, cognitivos, culturais e interacionais”.

“Para apreender o sentido de um texto, não basta apenas saber o significado das

palavras que o compõem ou sobre a maneira como se estrutura sintaticamente. Mas não há como negar que os elementos linguísticos são de grande importância para que se estabeleça coerência no texto”. (PRESTES 2001, p. 22).

Coesão textual é processo de sequenciar os elementos que ocorrem na superfície textual.

“... a coesão não é necessária nem suficiente para fazer com que um texto seja um texto, isto é, que seja coerente. Contudo, não se pode desconsiderar que o uso de elementos coesivos torna o texto mais legível, pois explicita os tipos de relações que se estabelecem entre seus componentes linguísticos. Assim, num poema ou num texto publicitário, por exemplo, esses elementos podem não aparecer, sem que, contudo, tais textos se tornem incoerentes. Já em textos científicos, editoriais ou reportagens, entre outros, os mecanismos coesivos são altamente desejáveis, constituindo-se numa manifestação superficial da coerência”. (Prestes, 2001, p. 63).

Atentando para o texto a seguir observa-se que um texto não é apenas uma soma ou sequência de frases isoladas. É necessário que haja um mecanismo que vai tecendo as ideias, é uma adição de argumentos. Deve haver relações de sentidos no interior do texto.

As joaninhas

“A joaninha é um pequeno inseto que mede aproximadamente meio centímetro. Ela tem uma casca dura que protege suas asas e possui seis patas muito curtas. A joaninha vermelha é a mais comum, mas também existem joaninhas cor de laranja e amarela. Na casca existe entre duas a oito pintas pretas. As cores vistosas no reino animal indicam veneno ou gosto muito ruim, desta forma as joaninhas ficam livres de predadores. Quando atacadas são capazes de liberar um líquido amarelo com substâncias tóxicas e cheiro desagradável. Em várias culturas do mundo atribui-se a joaninha o poder de trazer sorte. Ela se alimenta principalmente de pulgões que

são insetos que atacam as plantações. É muito comilona, come entre 45 e 70 pulgões por dia, por isso os agricultores consideram as joaninhas insetos benéficos. (Texto disponível em: www.saladeatividades.com.br)

Percebe-se que o texto acima “As joaninhas”, há uma sequências de ideias que são compreensivas pelo leitor. Quando perguntas são elaboradas dentro do próprio texto, o leitor consegue identificar suas respectivas respostas, é porque os termos em questão são elementos da língua que têm por função precípua de estabelecer relações textuais: são recursos de coesão textual.

O texto é coerente e coeso. Há vários elementos que marcam a coerência, por exemplo, quando apresenta o trecho “Ela tem uma casca dura...”, o pronome “ela” refere-se ao substantivo Joaninha, o mesmo acontece no trecho “Quando atacadas...”.

É necessário que o professor de Educação Infantil tenha conhecimento desses elementos de coesão e coerência, para que contribua que seus alunos façam produções, mesmo pequenas, com valores referenciais. Alertá-los quanto a repetição desnecessárias de palavras, que se pode substituí-las por outras.

Ao trabalhar uma interpretação textual é muito importante estudá-lo primeiro, para que o texto não seja trabalhado de maneira equivocada. Nota-se que há a utilização de bons textos, por parte dos professores, mas infelizmente, a forma de trabalhá-los é que apresenta problemas na maioria das vezes.

Os textos são lidos apenas uma vez de maneira circular, um parágrafo para cada aluno, para que todos participem da leitura, ou quando a turma ainda não lê o professor pede que os mesmos repitam as palavras. A seguir a professora pergunta se há palavras desconhecidas, caso houver, juntos procuram no dicionário. Porém a interpretação apresenta problemas, visto que não exercita a compreensão.

O entendimento do texto é muito superficial, não há uma reflexão crítica. As perguntas e observações tidas como interpretação de texto apresentam respostas visíveis e de aspectos formais, o que dificulta o entendimento e funcionamento da língua.

Este tipo de leitura não colabora para que os horizontes do aluno sejam ampliados ou sirva como valiosos subsídios para realizar uma produção escrita de qualidade, mesmo pequenos já deve ter noção de produção textual.

O professor esquece ou não sabe, talvez, que o ato de ler, ocorre de maneira bem criativa, já que em que o autor, texto, leitor e contextos interagem permanentemente tendo em vista que um texto nunca está acabado e sempre deixa espaços a serem preenchidos.

Nessa perspectiva, configura-se padrão “ideal” de avaliação de leitura aberta á pluralidade. Quando o sujeito-leitor se deixa interagir com o texto, completando lhe as lacunas com sua própria história, trocando experiências um com o outro, um novo texto surge, uma nova produção se dá, e a verdadeira leitura acontece.

Vale ressaltar, que ninguém tem a capacidade de ensinar o outro a compreender um texto, todavia pode criar oportunidades para o desenvolvimento, já que a compreensão da leitura parte do conhecimento que cada um tem de mundo.

É muito comum ouvir entre os professores, que desenvolve com seus alunos leitura e escrita, a queixa de que eles não gostam de ler e muito menos de escrever, isso se dá pelo fato de que muitas vezes as leituras trabalhadas em sala de aula são difíceis para os alunos, e ninguém gosta de fazer o que é difícil demais, e não conseguem extrair o sentido e também um número de atividades que não são nada de interpretação, mas o desenvolvimento de tarefas gramaticais. Os textos nos livros muitas vezes didáticos são apenas pretextos para o ensino de inúmeras regras da gramática, o que torna as aulas muito monótonas.

Cabe às escolas estimular seus alunos a escrever e desenvolver a competência da leitura. É na leitura que adquire conhecimentos, o indivíduo torna-se um ser pensante, crítico, aprende a concordar e discordar. Passa a possuir uma das características fundamentais do processo de leitura que é avaliar e monitorar a qualidade da compreensão do que está lendo ou ouvindo. Além de tudo adquire o aprimoramento da competência textual que se processa mediante a leitura e a observação de textos.

Segundo PRESTES (2001), quando se trabalha a leitura na escola, em geral, este é um quadro que ainda se apresenta: se são textos de maior fôlego, o objetivo é só preencher as famosas fichas de leitura, que, muitas vezes, até já vêm prontas das editoras. E quando se trabalham pequenos textos, estes são retirados de livros didáticos que não possuem tipologia textual variada nem temas que realmente despertem o interesse do aluno – textos esses cuja análise, muitas vezes, se limita a responder perguntas óbvias. Às vezes os textos são muito bons, como é possível notar na poesia de Cecília Meireles:

TANTA TINTA

Ah! Menina tonta,
Toda suja de tinta
Mal o sol desponta!
(Sentou-se na ponte,
Muito desatenta...
E agora se espanta:
Quem é que a ponta pinta
Com tanta tinta?...)
A ponte aponta
E se desponta.
A tontinha tenta
Limpar a tinta.
Ah! Menina tonta!
Não viu a tinta da ponte!
Cecília Meireles

Analisando uma proposta de exercícios de leitura, relacionada à poesia de Cecília Meireles, “Tanta Tinta” percebe-se os seguintes exercícios:

- Interpretação oral.

- Discuta com seus colegas e responda.

- a) Em que hora do dia a menina já está suja de tinta?
- b) A narradora acha certo ou errado a menina estar suja de tinta, mal o sol desponta? Comprove sua resposta com uma palavra do texto.
- c) Por que ela se sujou de tinta?
- d) Por que a menina faz a pergunta: “Quem é que a ponte pinta com tanta tinta?”
- e) Quem você acha que pintou a ponte?
- f) Por que a menina é tonta no início e no final do poema?
- g) O que vocêalaria se sujasse de tinta na ponte?

Pode-se perceber que a proposta de perguntas apresenta questões que não exercita a compreensão do texto e o aprofundamento do entendimento, para que haja a reflexão crítica. Os exercícios reúnem-se a perguntas e respostas.

Atentando para a questão **A** percebe-se que a pergunta não estimula nem um pouco o desafio, pois reduz ao trabalho de informação superficial muito restrita e muito pobre. A letra **B** apresenta uma das perguntas que mais se encontra nos manuais escolares, onde para respondê-las basta apenas copiar do texto a palavra pedida, identificá-la. Pergunta esta que só exigem exercícios de caligrafia.

A partir da questão C até a F nota-se, exercícios supondo que a língua funciona como transmissora de informações e que são produtos acabados, contendo em si objetivamente inscritas informações possíveis.

Dessa forma é possível observar que tais perguntas são problemáticas e inadequadas, já que não há uma criação, representação e uma proposta de sentido. São questões equivocadas, pois as informações são muito restritas, o que na verdade poderia ir além da informação estritamente textual. Além disso, não é ideal este tipo de questionamento como aparece na letra **E (quem)**, visto que, é uma indagação que só busca identificar fatos e dados objetivos do texto. Questão meramente formal. A resposta da pergunta **G** sequer exige a leitura do texto. Qualquer resposta do aluno seria

válida. Exercícios como estes são inválidos e inúteis para a compreensão.

O professor através da poesia poderia trabalhar realmente atividades de interpretação como por exemplos poderia propor as seguintes atividades:

1 - A personagem do texto apresentada é do sexo feminino. Explique o porquê dessa escolha.

2 - Qual a interferência utilizada no texto em relação à ponte?

3 - A que se refere a expressão “mal o sol desponta”?

4 - Reescreva o texto estudado, utilizando outro gênero textual apresentado fatos que ocorrem na personagem, os quais são demonstrados metaforicamente.

A poesia “Tanta tinta” é muito utilizada pelos professores da Educação Infantil, mas infelizmente a interpretação é inadequada.

Prestes afirma que “tais leituras geralmente não levam o aluno a refletir sobre o que leu nem posicionar-se criticamente sobre o assunto lido; muito menos vão colaborar para que seus horizontes sejam ampliados ou vão servir como valiosos subsídios para que ele se torne apto a realizar uma produção escrita de qualidade”.

Acrescenta também que é preciso modificar esse quadro nas escolas. O professor deve repensar seu trabalho com a leitura e a produção de textos, desenvolvendo-as de maneira integrada e estimulando os alunos a serem efetivamente coparticipantes nesse processo, lendo também o que seja de seu agrado e proveito, não só para contentar o professor, e produzindo seus textos também não só para o mestre, mas para estarem realmente preparados para produzirem com a qual se deparem em sua vida.

POTENCIALIZANDO A EDUCAÇÃO INFANTIL ATRAVÉS DO JOGO E DA BRINCADEIRA

O processo de ensino-aprendizagem é profundamente enriquecido pela incorporação de práticas lúdicas, que oferecem às crianças uma maneira

natural e prazerosa de explorar o mundo ao seu redor. De acordo com *Ferran, Mariet e Porcher (1979)*, a educação deve adotar uma dialética entre o brincar e o trabalhar. Para tanto, é essencial que a instituição escolar incentive tanto o jogo livre, onde a intervenção dos adultos é mínima, quanto a introdução do jogo como uma ferramenta pedagógica em sala de aula. A integração do jogo deve preservar suas duas vertentes fundamentais: a diversão e o aspecto educativo, proporcionando uma aprendizagem efetiva sem perder o prazer da brincadeira.

O jogo, no contexto educacional, não é apenas uma atividade recreativa, mas uma forma de mediação do conhecimento e da interação social. *Leif e Brunelle (1978)* enfatizam que o papel do educador deve ser de facilitar o acesso das crianças a essa atividade, reconhecendo o jogo como uma expressão natural do ser humano. Através dessa interação com o lúdico, as crianças podem explorar, inventar e aprender de maneira significativa.

Bandet e Sarazanas (1991) apontam que os objetos usados no jogo devem ser simultaneamente inspiradores e instrumentos de aprendizagem. Esses objetos não são apenas brinquedos, mas elementos que ajudam a criança a desenvolver habilidades cognitivas, sociais e emocionais. Além disso, os brinquedos são parte integrante da construção do próprio eu infantil, como sugere o trabalho de *Campagne (1989)*, que analisa as diversas funções dos brinquedos no desenvolvimento infantil. Para ele, o brinquedo não é apenas um objeto, mas uma ferramenta de experimentação, que permite à criança testar situações da vida real de maneira segura e sob seu controle.

Através do jogo, a criança desenvolve habilidades sociais fundamentais, como a noção de propriedade, respeito e convivência em grupo. *Campagne* também destaca que o educador tem um papel fundamental na forma como lida com o brinquedo, ajudando a criança a entender a importância

da posse e da responsabilidade, e promovendo a reflexão sobre as consequências de suas ações.

No contexto escolar, o lúdico é uma ferramenta poderosa que facilita a aprendizagem de conceitos mais complexos. De acordo com *Piaget* (1982), o jogo desempenha um papel crucial no desenvolvimento intelectual da criança, pois é através dele que ela constrói e organiza seu conhecimento do mundo. O jogo permite à criança adaptar sua percepção da realidade de maneira progressiva, à medida que suas capacidades cognitivas se desenvolvem. Nesse processo, os jogos se tornam cada vez mais sofisticados, à medida que a criança vai compreendendo melhor o mundo à sua volta.

Vygotsky (1989) complementa essa visão ao afirmar que a aprendizagem precede o desenvolvimento, desafiando a ideia de que a criança precisa adquirir certas habilidades para aprender. Na verdade, é através da interação com o conhecimento que as habilidades se desenvolvem. Essa perspectiva é fundamental para compreender como o uso do jogo e da brincadeira contribui para a construção de novos conhecimentos. As interações com educadores e colegas mais experientes proporcionam à criança a oportunidade de expandir sua compreensão e de alcançar níveis mais altos de complexidade.

A prática pedagógica deve, portanto, integrar o lúdico de forma estratégica, utilizando-o como meio para promover a construção de conceitos. Ao respeitar a singularidade do ritmo de aprendizagem de cada criança, o educador pode utilizar jogos e atividades lúdicas para criar um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e eficaz, respeitando o contexto social e cultural de cada aluno.

De acordo com *Rego* (2001), a educação deve partir do conhecimento prévio da criança e ampliá-lo, sempre respeitando suas capacidades e limites. Nesse sentido, o lúdico oferece um meio ideal para essa ampliação, pois envolve a criança de maneira prazerosa e eficiente. O uso de jogos e brincadeiras como

facilitadores no processo de aprendizagem é uma solução comprovada para melhorar o desempenho escolar, especialmente na educação infantil, onde o aprendizado através do jogo é essencial.

Em suma, o lúdico é um componente indispensável na educação, não apenas porque proporciona momentos de diversão, mas também porque é uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança. Ao incorporar o jogo de maneira consciente e pedagógica, os educadores podem contribuir significativamente para o processo de alfabetização, promovendo uma aprendizagem significativa e prazerosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É essencial destacar que a leitura e a escrita devem ser parte integrante do currículo da Educação Infantil, envolvendo todas as crianças desde os primeiros anos até a última etapa da pré-escola. Essa prática deve ser contínua e acessível, com livros disponíveis para o contato diário das crianças. Não se deve esperar que a criança tenha dominado todas as fases silábicas para iniciar o processo de leitura, que deve começar desde a creche ou pré-escola.

É crucial garantir que as crianças tenham contato com a diversidade de gêneros textuais, como músicas, parlendas, fábulas, contos, trava-línguas, poesias, adivinhações, histórias, biografias, receitas, entre outros, mesmo que ainda não saibam ler. O simples ato de vivenciar momentos com a literatura desperta o interesse e aproxima as crianças do universo das palavras.

O papel do educador é proporcionar momentos em que o aluno possa expressar suas opiniões, concordar ou discordar, criticar a leitura realizada e participar de debates, para que se sinta sujeito de suas próprias ideias e aprenda a respeitar as opiniões dos outros. O repertório de textos deve ser de boa

qualidade, servindo como base para a produção de novos conteúdos.

Durante as leituras, o professor tem a oportunidade de avaliar o comportamento de cada criança, observando como ela reage a diferentes situações. A observação é a principal ferramenta para o acompanhamento do progresso do aluno ao longo de sua jornada na pré-escola. Para isso, é importante que o professor tenha uma ficha de avaliação, permitindo-lhe refletir sobre a prática pedagógica e o desenvolvimento de cada criança. Esses registros devem ser feitos durante todas as atividades, seja em grupo ou individualmente, como leituras, escritas, contação de histórias e brincadeiras.

A avaliação deve ser contínua, realizada no cotidiano de forma dinâmica e integrada às atividades propostas. Momentos de brincadeiras são fundamentais para observar o desenvolvimento das crianças. O jogo estimula a atenção, percepção visual, habilidades motoras e promove a socialização e o respeito às regras.

O educador tem a responsabilidade de organizar atividades que garantam o avanço de cada aluno na construção do saber e de proporcionar condições para que os alunos possam responder às questões propostas com tempo e calma, sem pressão, levando suas respostas a sério.

A curiosidade e a satisfação da descoberta são aspectos importantes do desenvolvimento infantil. A autoestima das crianças é reforçada quando elas enfrentam desafios e resolvem problemas de maneira criativa. A brincadeira de faz-de-conta, por exemplo, favorece a comunicação, permitindo que a criança desenvolva habilidades que terão impacto em outros aprendizados, além de abrir portas para um mundo de comunicações mais complexas.

Acredita-se que crianças que não vivenciam brincadeiras simples, como andar de bicicleta ou brincar de esconde-esconde, perdem experiências significativas, o que pode impactar seu desenvolvimento cognitivo. Por isso, a brincadeira deve ser vista como uma

ferramenta valiosa no processo de formação do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. **A criança e seus jogos**. 2 ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ALVÃO, Letícia Lima Mont'. SOUZA, Simone Maria de. Histórias... Poesias... "**O Prazer na Literatura Infantil**". Revista Criança n° 21. Informativo ao professor do Pré-Escolar. Rio de Janeiro: FAE, 1990, ano VII.

BANDET, Jeanne. SARAZANAS, Réjane. **A criança e os Brinquedos**. Lisboa, 1991.

BARRETO, Vera. **Poetizando, Confabulando, historiando**. Fábulas Clássicas. 3 edições em um único livro. 1994.

Bebê atual. Histórias. **O gato de botas**. Disponível em: <http://bebeatual.com/historias-gato-das-botas_66>. Acesso em: 12 jan. 2015.

BRAGA, Rubem. In: Carlos Drummond et alii. **Para gostar de ler: crônicas**. São Paulo. Ática. 1975.v.1,p.74-5, (com adaptações).

BRANDÃO, Ana carolina Perrusi. ROSA, Ester Calland de Sousa (orgs.) **Ler e Escrever na Educação Infantil**. Discutindo práticas pedagógicas. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF,1998, v. 3, p. 213-237.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Ética e Cidadania no convívio escolar**. Brasília, 2001, p. 13.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. De 5 de outubro de 1988.

_____. Lei n° 9.394. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** (LDB). De 26 de dezembro de 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. Política nacional de educação especial. Livro 1. MEC/SEESP. Brasília: SEESP, 1994.

BRAZ, Greucy rose de Carvalho – **Brincando e aprendendo com jogos sensoriais**. Rio de Janeiro: Sprint,1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2000.

CALKINS, Lucy McCormick. **A arte de ensinar: o desenvolvimento do discurso escrito**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CAMPAGNE, Francis. **Le Jouet, l'Éfant, l'Éducat**. Toulouse: Editions Privat, 1989.

CARDOSO, Bruna. **Práticas de Linguagem oral e escrita na Educação Infantil**. 1. ed. São Paulo: Anzol, 2012.

ColégioWEB. Descrição de pessoa. **Análise de textos descritivos**. 2012. Disponível em: <<http://www.colegioweb.com.br/trabalhos-escolares/portugues/analise-de-textos-descricao-de-pessoa.html>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Reflexões sobre a língua Portuguesa: Ensino e Pesquisa**. Belo Horizonte: Pontes, 1997.

DIONÍSIO, Ângela P. et al (orgs). **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

Educar para Crescer. **Como ensinar a seu filho que ler é um prazer**. Dicas para incentivar seu filho a ler todos os dias e, assim, ter amor pelos livros. Disponível em <<http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/importancia-leitura-521213.shtml>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

FERRAN, Pierre. MARIET, François, PORCHER. **Na escola do jogo**. Lisboa: Estampa, 1979.

FERRAZ, José Emmanuel Barbosa. **Português para concurso**. 2006. Disponível em:<<http://www.juliobattisti.com.br/tutoriais/josebferraz/interpretacaotexto001.asp.htm>> Acesso em 10 jan. 2015.

FIGUEIREDO, Olívia. **Escrever: da teoria à prática**. In FONSECA, Fernanda Irene (org.). **Pedagogia da escrita: perspectivas**. Porto: Porto Ed., 1994.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

FLÔRES, Lúcia Locatelli. OLÍMPIO, Lúcia Maria Nassib. CANCELIER, Natália Lobar. **Redação: o texto técnico/científico e o texto literário**. Florianópolis: UFSC, 1992.

FONSECA, Edi. **Interações: com olhos de ler**. Coleção InterAções. São Paulo: Blucher, 2012.

FORTUNA, Tânia Ramos. **Jogo em Aula. Recurso permite repensar as relações de ensino-aprendizagem**. Revista

do Professor. Porto Alegre: CPOEC, n° 75, jul./set., 2003, p.15-22.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

GADOTTI, Moacir. **A organização do trabalho na escola: alguns pressupostos**. São Paulo: Ática, 1993.

GARCIA, Regina Leite. **Revistando a pré-escola**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

Guiainfantil.com. **Ler para bebês estimula desenvolvimento**. Disponível em: <<http://br.guiainfantil.com/leitura-infantil/84-ler-para-bebes-estimula-seu-desenvolvimento.html>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

KLEIMAM, Ângela. **Aspectos Cognitivos da Leitura**. Campinas: Pontes, 2002.

KNÜPPE, Luciane. **Pensamento Lógico-Matemático. Jogos dirigidos possibilitam a construção de relações matemáticas**. Revista do Professor. Porto Alegre: CPOEC, no 17, out./dez., 2001, p.7.

KRAMER, Sonia. **Currículo de Educação Infantil e a Formação dos Profissionais de Creche e Pré-escola: questões teóricas e polêmicas**. In: MEC/SEF/COEDI. **Por uma política de formação do profissional de Educação Infantil**. Brasília-DF. 1994a

LEIF, Joseph. BRUNELLE, Lucien. **O jogo pelo Jogo**. Tradução de Júlio César Catañon Guimarães. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: A pedagogia crítico social dos conteúdos**. 14. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

LIMA, Regina Célia Villaça. PINTO, Gerusa Rodrigues. **A Matemática na Pré-Escola através de jogos e brincadeiras**. O Dia-a-Dia do Professor. Belo Horizonte: Fapi Indústria Gráfica Ltda, 112p.

MAIA, João Domingues. **Literatura: textos e técnicas**. São Paulo: Ática.1995.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Exercício de Compreensão ou cópia nos manuais de ensino de língua?** Em Aberto, Brasília, ano 16, n° 69, jan./mar. 1996.

MEIRELES, Cecília. **Poetizando, Confabulando, historiando**. 3 edições em um único livro. Poetizando, 1994, p. 33.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Professor da pré-escola.** Fundação Roberto Marinho. São Paulo: Globo,1991. vol.I. p. 85-121

MOLLICA, Maria Cecília. **Fala, Letramento e inclusão social.** São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de (org). **Educação infantil: muitos olhares.** 4.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **Leitura e (Re) escrita de textos: subsídios teóricos e práticos para o seu ensino.** Catanduva, São Paulo: Rêspel, 2001, 3. ed. p. 19-72.

PRETA, Stanislaw Ponte. / In **Para gostar de ler**, vol. 8. São Paulo: Ática, 1997.

PELLEGRINI, Denise. **Grandes pensadores: Vygotsky.** Revista Nova Escola. Ed. 139, jan./fev. 2001.

PIAGET, J. **O Nascimento da Inteligência na criança.** 4 ed. Rio de Janeiro: LTC. 1982.

_____. **A psicologia da criança.** Ed Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998

REGO, Teresa Cristina. **Aprenda com Eles e Ensine Melhor.** Revista Nova Escola. p. 25, jan e fev./2001.

_____. **Vygotsky.** Petrópolis: Vozes, 2001.

REYES, Yolanda. A casa imaginária: **Leitura e literatura na primeira infância.** São Paulo: Global, 2010

ROCHA, Ruth. **Enquanto o mundo pega fogo.** 2.ed. Rio de Janeiro. Nova fronteira. 1984.p.14-19.

SANTOS, Aline Reneé Benigno dos. **Compreensão e Produção de texto.** O texto persuasivo. 2005. Disponível em<<http://www.cursoaprovacao.com.br/cms/artigo.php?cod=813.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

SCHMIDT, S. J. **Linguística e teoria do texto.** São Paulo: Pioneira, 1978

VAL, Maria das Graças Costas. **Redação e Textualidade.** Martins Fontes. São Paulo, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **A formação social da mente.** 6. ed., São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1998.